



Sob o Signo das Trevas - Análise das capas da Veja sobre líderes do Irã¹

Paulo Henrique Ribeiro de ARAUJO²

Alberto Carlos Augusto KLEIN³

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

Este trabalho analisa a configuração de capas da revista Veja sobre o Irã utilizando mecanismos ideológicos para criar um ambiente de hostilidade e caos na visão ocidental. A identificação desses artificios é observada pelo posicionamento político do veículo; escolha de fotos, disposição de imagens e utilização de padrões cromáticos; e manchetes nas capas. Tais elementos de informação são analisados conforme os eixos de produção de sentido, utilizados por autores que se embasaram no comunicólogo alemão Harry Pross. O artigo, também, traz a reincidência do discurso orientalista de Edward Said mostrando que o veículo utiliza para elucidar o oriental como uma figura caótica, selvagem e sem civilização.

PALAVRAS-CHAVE: Irã; Veja; aiatolá Khomeini; trevas; orientalismo

TEXTO DO TRABALHO

A utilização de fatores para criar um valor simbólico maior nas imagens é utilizada em todos os meios de comunicação. O veículo faz uso de eixos de produção de sentido para que o receptor tenha uma visão mais parcial do acontecimento sem que isso seja explicitamente mostrado. Com isso, a mídia consegue atingir o objetivo de passar uma informação com uma carga de significado e ideologia. A utilização desses recursos provoca, muitas vezes, uma distorção do fato, fazendo com que ele tenha, dependendo do posicionamento do veículo, um maior ou menor grau de importância para receptor.

Segundo Perseu Abramo, a utilização desses fatores para distorcer a realidade tem como principal objetivo a busca pelo poder. Essa modificação de sentido faz com que haja vários danos a sociedade, cujo principal é a não reflexão da realidade.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Junior – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UEL. Desenvolve Iniciação Científica vinculada ao projeto Imagem e Ideologia no jornalismo. Bolsista do CNPQ email: ph_raraujo@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UEL, email: betoklein@yahoo.com.br



Ao observarmos o histórico da revista *Veja*, podemos verificar que ele sempre utilizou artifícios em suas capas. Com isso, a capa ficava repleta de significado, o que elucidava o posicionamento da revista em relação à matéria feita e atingindo o objetivo desejado.

Eixos de produção de sentido - Cores

A utilização de uma linguagem mais apurada para trazer significados nas capas da revista *Veja* é algo que se observa desde suas primeiras edições. O presente trabalho irá trazer essas informações usando como base os trabalhos de Luciano Guimarães sobre a utilização das cores, Eduardo Yamamoto sobre os eixos de produção de sentido. Ambos os autores tem o teórico Harry Pross como apoio para o início de suas análises. Outro nome que será utilizado para melhor argumentação deste trabalho é Edward Said expondo sobre o orientalismo.

As cores são notoriamente fatores que deixam uma imagem repleta de novos significados, a partir do jeito que é trabalhada. A utilização de cores mais claras ou escuras pode modificar o significado e transportar o receptor para uma nova realidade que ele não encontra defesas para se proteger. A composição cromática pode causar vários efeitos no leitor.

Uma composição cromática, como toda a experiência visual, é dinâmica. As cores apresentam característica de peso, distancia e movimento que, combinadas à proporção e localização das formas, constroem uma informação complexa cuja tonalidade provoca reações diversas no observador. (GUIMARÃES, 2000, p.75)

As cores trazem um sentido que pode modificar o significado da imagem. As cores mais escuras trazem um tom negativo para a figura, enquanto as cores mais claras são vistas de um jeito mais positivo. Cores fortes dando uma contraposição, também, podem afetar a aceção do receptor. O vermelho mais intenso pode trazer uma idéia de caos dependendo da maneira que é utilizado, assim como o azul claro apresenta um conceito de tranqüilidade e paz.

A revista *Veja*, recorrentemente, utiliza o contraste das cores mais claras e mais escuras para criar uma maior significado em suas capas. A utilização desses métodos faz com que se mistifique um fato para que ele possa ser mais entevado ou santificado. Uma imagem com um fundo totalmente preto traz uma sentido mais negativo para a figura, uma pessoa dentro de um fundo escuro seria vista de uma maneira, muito mais,



pejorativa que se fosse trazida de outra maneira. Luciano Guimarães observa a relação da cor preta nas composições em seu livro.

A correspondência cromática da binariedade vida-morte está na oposição branco-preto. A morte desde os primórdios vincula ao desconhecido e às trevas, é origem da simbologia ocidental do preto. O preto além de ser a cor da morte e das trevas, é a cor do desconhecido e do que provoca medo. As representações demoníacas são muito mais tenebrosas quando envolvidas pela escuridão. (GUIMARÃES, 2000, p. 91)

Quanto à composição das capas da revista *Veja* em relação ao Irã, esse artifício é facilmente encontrado para caracterizar a população ou os líderes do país. A utilização de cores com um tom mais escurecido é recorrente nas ilustrações do aiatolá Ruhollah Khomeini, ele geralmente vem envolto da cor preta ou tons mais escuros para transformá-lo em uma figura das trevas. A população iraniana também é ilustrada em tons escuros tentando mostrar um caos iminente.

Eixos de produção de sentido – Acima e abaixo

A utilização de imagens com o posicionamento no canto superior e inferior da capa também é muito utilizada na produção de um sentido para aquela página. Por mais simples e óbvio que seja essa estruturação, ela é uma das mais recorrentes em periódicos.

O eixo de produção de sentido acima-abaixo traz uma apelação ao olhar e pode produzir um efeito narrativo criando um contexto que foi pré-estabelecido pelo veículo de comunicação.

A produção do acima e abaixo bem articulado numa imagem, pode estabelecer uma narrativa específica e também fortalecer o potencial expressivo de outras verificadas aqui pela aparição repentina de uma personagem (objeto ou pessoa), quando retratadas por um determinado ângulo. (YAMAMOTO, 2008, p. 106)

Outros artifícios muito utilizados pelos meios de comunicação usando o eixo acima-abaixo são os posicionamentos de câmera (plongé e contre-plongé) e a criação de capas (desenhos) utilizando esses recursos. O plongé e contre-plongé são técnicas cinematográficas que criam uma sensação de superioridade e inferioridade, respectivamente. Uma foto em contre-plongé pode deixar um indivíduo com um aspecto



de pobreza e estar abaixo daquilo que realmente seria, enquanto o plongé aumenta o grau de poder que a figura teria.

O contre-plongé destaca um determinado objeto que, focalizado, cresce “a frente do leitor, como se estivesse irrompendo do chão. Se por um lado esse efeito cria um engrandecimento destes objetos, por outro lado, produz uma sensação de diminuição no leitor.

Tal sensação se assemelha àquela quando se está em um ambiente fechado, e o teto é muito alto ou quando, à frente de um monumento (estátua, marquise, torre, castelo medieval, igreja gótica, etc.), se tem a impressão de uma arquitetura opressora. (YAMAMOTO, 2008, p.109)

A utilização do eixo de produção de sentido acima-abaxo é recorrente nas capas da revista *Veja*. Ela costuma utilizar esse recurso para criar um clima de legitimação do ponto de vista expresso pelo veículo. O periódico traz o seu posicionamento em relação a um assunto, colocando o seu apoio na parte alta e, na parte baixa, o outro ponto. Muitas vezes, ela utiliza os recursos de câmera para deixar uma capa mais inferiorizada e estabelecer seu padrão ideológico como algo verdadeiro.

Eixos de produção de sentido – Orientalismo

O orientalismo é um termo designado por Edward Said para demonstrar o ponto de vista ocidental para as culturas orientais. Essa visão, na maioria das vezes preconceituosa, traz as tradições de países que são considerados orientalistas como algo inferiorizado. Para Edward Said, o principal teórico desse acontecimento, um dos pontos fundamental é a falta de conhecimento do oriental.

Para o Ocidente, a Ásia representara outrora a distância silenciosa e a alienação: o Islã era a hostilidade militante ao cristianismo europeu. Para superar essas temíveis constantes, o Oriente precisava primeiro ser conhecido, depois invadido e possuído, e então recriado por estudiosos, soldados e juizes que desenterraram línguas, histórias, raças e culturas esquecidas, de maneira a situá-las - além do alcance do oriental moderno - como o verdadeiro Oriente clássico que poderia ser usado para julgar e governar o Oriente moderno. (SAID, 2003, p.103)

A idéia de orientalismo, também, serviu com um meio de legitimar a exploração ocidental do oriente. Um dos pontos é a hipótese da inferioridade racial e cultural em relação às demais civilizações cristãs. Essa prática acabou sendo nociva e ineficaz, o desinteresse pela cultura oriental fez com que o ocidental continuasse a ter pouco



conhecimento dessas tradições e continuar com pontos de vista com pouco embasamento e, ainda, com preconceito.

O mundo islâmico é o principal alvo do orientalismo. Ele ainda é desconhecido e sofre uma atuação mistificada na exibição de imagens por meios de comunicação. Essa proliferação de idéias desembasadas faz com que a população continue a ter uma visão desse assunto com preconceito e falta de informação.

O Oriente que aparece no orientalismo, portanto, é um sistema de representações enquadrado por todo um conjunto de forças que introduziram o Oriente na cultura ocidental, na consciência ocidental e, mais tarde, no império ocidental. Se esta definição do orientalismo parece mais política que outra coisa, isso acontece apenas porque acredito que o próprio orientalismo foi um produto de certas forças e atividades políticas. O orientalismo é uma escola de interpretação cujo material, por acaso, o Oriente, suas civilizações, seus povos e suas localidades. (SAID, 2003, p.209)

E, no entanto, apesar dos seus fracassos, da sua lamentável linguagem especializada, do seu mal ocultado racismo e da fragilidade do seu aparato intelectual, o orientalismo floresce hoje nas formas que tentei descrever. De fato, há uma razão para alarme no fato de a sua influência ter se estendido ao próprio Oriente; as páginas dos livros e jornais em língua árabe (e sem dúvida em japonês, em diversos dialetos indianos e em outras línguas orientais) estão cheias de análises de segunda categoria feitas por árabes sobre "a mente árabe", "o islã" e outros mitos. (SAID, 2003, p.326)

A revista *Veja* traz a visão orientalista estampada em suas capas desde o início de suas edições. Capas que trazem o Oriente Médio como manchete são, geralmente, mostradas como um ambiente cercado por trevas e caos, e com fundamentalista que quer destruir a "paz" do ocidente. Constantemente, o periódico mostra os países islâmicos como uma barbárie e misturam governo, religião e terrorismo, expondo como se fossem a mesma coisa.

Análises das capas

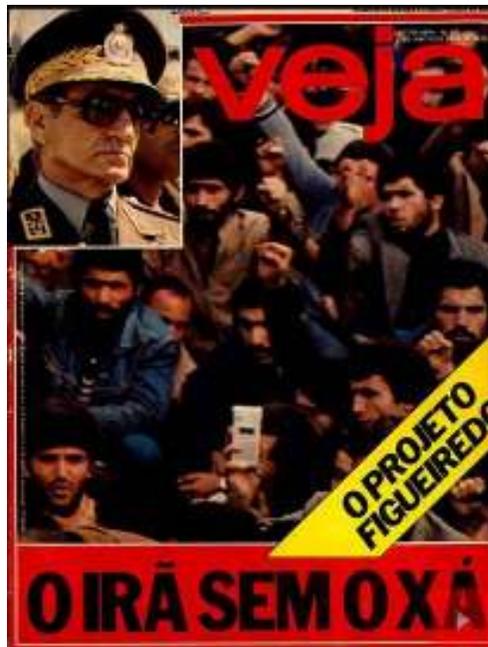
O presente trabalho utilizará os ideais teóricos, já expressos anteriormente, para analisar o modo que a revista *Veja* traz os líderes do Irã em quatro momentos: Queda do Xá Reza Pahlavi, subida do aiatolá Khomeini ao poder do país, invasão da embaixada americana em Teerã e início da guerra Irã-Iraque.

O Irã era um país com boas relações com os Estados Unidos e quando o Xá Reza Pahlavi estava no poder esse apoio era facilmente visto. Reza Pahlavi ficou no



poder por quase quarenta anos e, após manifestações populares, teve que renunciar ao poder e exilar-se nos Estados Unidos. Com apoio popular o clero xiita subiu ao poder com seu principal líder, na época, o aiatolá Ruhollah Khomeini e instalou-se no país uma teocracia, passando-se a chamar República Islâmica do Irã.

A primeira capa analisada mostra a queda do Xá Reza Pahlavi e o possível fim da monarquia “ocidental” do Irã. A revista *Veja* utiliza vários artifícios mostrando seu posicionamento ao fato.



(Fig. 1)

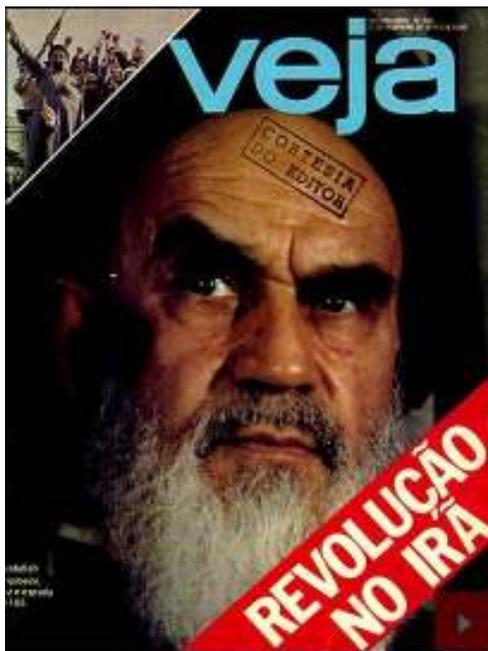
Ao observarmos a composição da imagem vemos o Xá no canto superior com um traje militar estilo ocidental e uma cara de seriedade. Reza Pahlavi está acima dos demais iranianos dando uma idéia de superioridade em relação ao povo que está abaixo dele. As cores, também, ajudam o Xá a ter uma característica mais serena. A foto do governante é mais clara e bem focada. Já os iranianos são expressos como seres que estão abaixo do Xá e que vivem em um mundo caótico. A foto mostra várias pessoas e a uma sensação de desorganização. As cores escurecidas fazem referência as trevas e o caos que eles estão trazendo.

Outro ponto importante é a manchete que expressa os dizeres “O Irã sem o Xá”. Ela faz referência a queda do governante, mas com a utilização do recurso imagético causa a sensação de que após a queda de Reza Pahlevi o país ira ser transformado em



um ambiente de caos, como mostra a imagem da população. O Xá, quando no poder, estaria conseguindo fazer com que o país fosse governado aos moldes ocidentais e agora não seria mais possível segurar a barbárie.

A segunda capa analisada é à entrada do aiatolá Khomeini no poder



(Fig. 2)

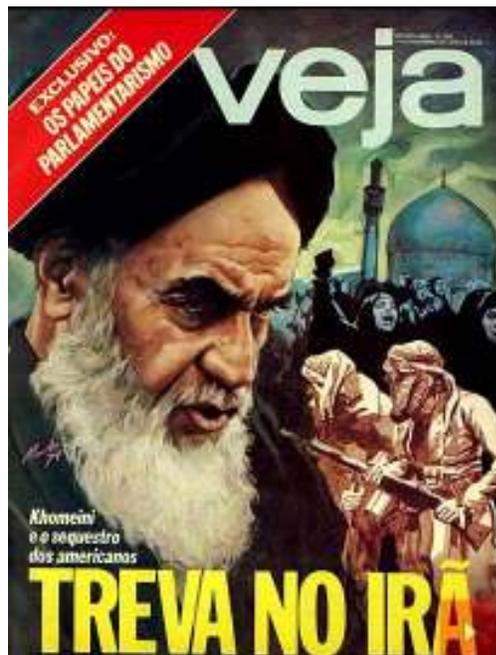
Os elementos contidos nessa capa fazem referência ao aiatolá e o novo governo iraniano. Com fator cromático, a utilização do preto na capa faz parecer que Khomeini está saindo do meio das trevas, deixando-o parecido com uma figura demoníaca, algo que veio das trevas para trazer a desordem e o fim da tranquilidade no Irã. O sombreamento dos olhos do novo líder do país também o deixa com uma cara mais sinistra. Essa parte orientalista também é expressa pelo turbante sombreado e mostrando que essa cultura oriental iria trazer caos e grandes problemas as demais nações, seria um novo risco.

A revista Veja utiliza a manchete da “Revolução no Irã” e mostra o aiatolá Khomeini como líder demoníaco e na parte superior da página, ela apresenta os “soldados” do aiatolá. Um grupo de homens com várias armas, utilizando trajes costumeiramente usados pela religião muçulmana e desorganizados. A revista consegue fazer uma mistura da revolução armada com a cultura muçulmana e com fatores de



posicionamento e cromáticos transformá-la em algo das trevas, e, ainda, tenta criar um alerta para o que seria a nova política no Irã.

A terceira capa analisada acontece após a invasão da embaixada americana em Teerã



(Fig. 03)

Essa capa é uma desenhada diferente do que normalmente acontece que é a utilização de fotos nas capas. A revista Veja não utiliza mais esse artifício para ilustrar suas capas.

A capa traz quatro elementos: aiatolá Khomeini, soldados iranianos, mulheres com a vestimenta típica muçulmana e uma mesquita. Seguindo o pensamento orientalista, a revista volta a misturar a política com a luta e a religião. A mesquita e as mulheres representam a religião no Irã. As mulheres estão expressando algum ato de revolta e são mostradas aos montes, trazendo uma idéia de desorganização. Khomeini e os soldados trazem a idéia de conflito e riscos para os demais países.

A cor escura predomina na capa, fazendo referência as trevas que sempre está sendo trazida pelo líder iraniano. Ele é pintado com uma figura maligno e isso é reforçado pelo fundo escuro.

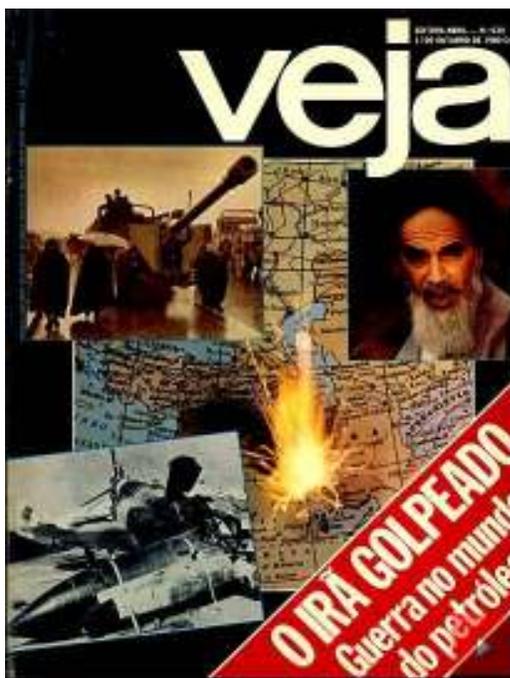
A manchete dia “Treva no Irã” que reforça com o padrão de cores a idéia de caos que o país estaria passando. Além disso, outro texto que aparece na capa é “Khomeini e



o seqüestro dos americanos” soma com a idéia de líder mal que está trazendo a barbárie e fez de vítimas os cidadãos americanos.

Essa página é, provavelmente, a que tem mais elementos de produção de sentido de todas as capas que foram produzidas usando o Irã como manchete. Por ser uma pintura, a revista Veja pode utilizar qualquer artifício de fazer com que o sentido fosse o que ela queria mais facilmente, o que traria uma dificuldade maior se a capa tivesse sido feito em cima de uma fotografia.

A última capa analisada faz referência ao início da guerra Irã-Iraque



(Fig. 04)

A capa utiliza o fundo preto para, novamente, trazer uma imagem das trevas na figura do Irã. O aiatolá Khomeini é envolto as trevas também, trazendo, novamente, a idéia que está saindo da escuridão. O governante está em um plonge e com uma cara de espanto por ter sido atacado por um país que está no Oriente Médio (Iraque). Esse ataque é mostrado na imagem do mapa e é para onde a visão de Khomeini está voltada.

A capa traz um tanque apontando para o lado do líder iraniano, vindo do lado esquerdo e faz referência ao Ocidente. Outra foto que está aparecendo é dos destroços de um avião, a visão de Khomeini também tem esse foco.

A manchete traz “O Irã golpeado – Guerra no mundo do petróleo” logo ao lado dos destroços do avião e perto do mapa onde está mostrando o Irã sendo atingido por



alguma arma. Os destroços levam a pensar que o país já foi atacado e está sendo derrotado logo de início.

Levando em consideração as quatro capas analisadas, podemos dizer que desde a queda do Xá Reza Pahlevi, o Irã é um país que está envolto nas trevas e caos, segundo a revista *Veja*. Todas as imagens do aiatolá Ruhollah Khomeini trazem um fundo negro querendo mostrar que o líder muçulmano seria maligno. O Irã, após passar a ser governado por Khomeini, foi sempre retratado como um ambiente de caos, fundamentalista e que mistura a religião e o terrorismo. A religião muçulmana é degradada como se fosse um fator de caos e criação do terrorismo.

A revista *Veja* apresentou em suas capas uma representação ideológica partindo de suas idéias sobre o assunto. Com isso, o veículo de comunicação criou um novo inimigo comum ao Ocidente. Ela utiliza artifícios para transformar o aiatolá Khomeini e religião islâmica em algo único, fazendo com que sejam observados como oponentes hostis e perigosos. Essa criação de um novo inimigo não foi acabada após a morte de Khomeini, ela foi se mudando com os próximos governantes até chegar a Mahmoud Ahmadinejad atual líder do país.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de Manipulação da Grande Imprensa**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.
- GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação*. a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2000.
- SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- YAMAMOTO, Eduardo. *Arqueologia ontogenética da imagem*: em busca dos símbolos da comunicação política. 2008. 180 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) - UNESP, Bauru, 2008.